



Farbstudien, 10 Blätter VII  
Karl Wiener

# Tradução

---

# *Eksodos* – contribuição psicanalítica à doutrina da criação em Luria

CAPÍTULO I (GUILLAUME NEMER EDITIONS LE RETRAIT, 2020)

**Carla Ferro**

Às vezes, critica-se o psicanalista porque ele não responde às questões angustiadas que lhe endereça aquele que faz análise. Qual é a deste taciturno?! Uma antiga distinção considerava que a neurose pertencia ao *homem questão*, enquanto a psicose era o lugar onde habita o *homem resposta*, no qual se anula toda questão, toda dissonância intrínseca e, no fim das contas, toda morte. Enquanto aumenta o mal-entendido entre aquele que queria muito saber e aquele que é Suposto Saber, instala-se um diálogo jamais surdo em que se encadeiam (sem cadeia e sem vergonha) questões existenciais, errâncias poéticas e princípios de explicação de texto. Quanto ao ato analítico, este repousa sobre uma questão que sustenta o conjunto da análise: “E eu em tudo isso?”. Questão aparentemente simples, mas que interpela o sujeito e, mais que o sujeito, uma parte nele que não cessa de se furtar.

Eis um fato que a psicanálise estabeleceu: é na mais profunda intimidade que o sujeito reconsidera seu laço com o outro, com o mundo e com a política. “E eu em tudo isso?” A questão antecipa o que chamei, em uma comunicação apresentada recentemente no Ateneo, de Madri, o momento político da cura, ao qual retornarei por um outro caminho (o *hodos* grego), um caminho que, para ser preciso, não é exatamente um. Explico-me.

Não proponho considerar o momento político da cura como o momento-chave da cura analítica, aquele da grande transformação. Os amanhã não cantam e quando cantam estão de ressaca. Se não cultivo esse existencialismo, é porque faço a hipótese do inconsciente. Digo simplesmente:

o momento político da cura não leva à ação pelo mero fato de mergulhar corpo e alma na realidade. O que quer que se diga da *vita activa*, ela não constitui a parte mais interessante da obra de Hannah Arendt. Responder às expectativas da realidade equivale a submeter-se ao discurso e à demanda do Outro; é, já, ceder docilmente às necessidades de *religio*. Retorno à caridade? Aí está um vício que a psicanálise não pratica. Não foi para ter acesso a certos direitos civis, e particularmente ao divórcio, que as feministas reuniram seus esforços. Contra o que lutavam elas? Contra a sacralização do engajamento, sempre escrita pela necessidade de *religio*, que é uma necessidade do pai. Não, seguramente, isso não passa por aí, nem pelo apaziguamento do sentido. O ser humano tem necessidade de outra coisa, alguma coisa mais forte que o sentido, essa coisa que vem antes do sentido. Complexão da significação e do não senso, o sentido nunca aplaca, ele perturba, ele ruminava, sua razão sensacionaliza, o sentido é a morte que não vem. A estrada óbvia do sentido convoca a inversão do sentido. Evidentemente, é de gozo que se trata nessa necessidade. O analisante tem um encontro marcado alhures em um lugar que se situa bem antes do ser. Lacan fixou aquele gozo como “gozo do ser”, mas há um gozo que não seria do ser?

No fundo, o gozo refreado não significa o gozo anulado. Que seria essa psicanálise que gozaria de um alijamento do gozo em nome de outro gozo que lhe seria próprio, que apostaria tudo na mortificação do significante? Enquanto há significante, há gozo.

Quer dizer que o sujeito fala com o outro, e vive, sem referência ao sentido da História? Não mais que isso Paul Celan nos sugere, visto que “A História faz furos na Ladainha”. Portanto, é preciso contar com um plano de imanência. Em todo caso, enquanto houver corpo.

E então? Como se mesclam o mais íntimo e a História em sua materialidade de estrutura?

O que chamo de momento político da cura, eu o designo como aquele em que o sujeito se extrai de suas torpezas familiares (é preciso tempo para isso) e chega a colocar-se a questão que havia inconscientemente vindo procurar. Um analisante um dia parou bruscamente de falar e lançou: “E eu nessa merda

toda?”. Tomado por uma forma de pavor que seu corpo nunca havia sentido, ele se ergueu, pagou a sessão e caiu fora. Quando voltou na semana seguinte, era notável como ele possuía outro olhar, mais escuro, mais determinado. Ele havia encontrado uma certa agressividade que nem precisava ser dita, já que ela estava lá. Ele havia encontrado um anjo ou uma coisa que o levou profundamente de volta a si mesmo, e mais que a si mesmo, a si-mesmo-no-mundo. Ele havia mudado de corpo, trocado de pele, ele havia abandonado uma carapaça pesada e porosa que acreditara protegê-lo, ele havia se tornado seco, despido de toda moralidade, apenas uma ética lhe serviria a partir de então como coluna vertebral. O momento político da cura não significa que possíveis apareçam. É, antes, do lado do impossível que o jogo acontece!

Lembramos de Freud e seus três ofícios impossíveis: governar, educar, curar-psicanalisar. O político tem a ver com o impossível e com o vazio. Todo discurso político que reclama para si o possível ou, pior, a transformação ou plenitude que ele promete (o pleno emprego da transformação), proclama insidiosamente uma *religio*, invoca com seus votos uma monarquia de Estado. Contudo, para tanto é preciso sentir, ainda, que se tem o estofo de um rei, e isso não se decreta. Quanto ao rei que se toma por rei, ele desaba com a mortificação do significante. Ele é condenado a viver sob o terror, o *reizinho*, de que um dia um solitário, trajado de fêmea do tubarão de consciência reservada, atire a primeira lança. Deus sabe como os reis abominam a lança. A *religio* não produz apenas sentido, ela cria o mestre que se arroga um Saber, condenando tanto o discurso do histérico como o do psicanalista. Ela supõe o Imperador, o Império, toda extensão a sacia, a destruição anuncia a queda para amanhã. O impossível de Freud difere totalmente disso.

O impossível do qual a psicanálise se sustenta caracteriza-se pelo fato de que ele faz furo, furo no discurso, furo na Ladainha, furo na bela máquina da história pessoal que cada um conta a si mesmo, tanto e mais ainda, furo na demanda do Outro, furo, *boca aberta* por onde se extrai que o sujeito diz Não às coisas que são – O pequeno *a* de Lacan, em seu corpo escritural, simboliza esse furo, furo diretamente na letra, furo de antes da letra. Lacan poderia ter escolhido a letra-signo ‘o’ para figurar esse furo

na letra, mas o ‘o’ encontra-se já enrolado nos lineamentos do alfabeto do discurso da História. Antes e depois do ‘o’, encontram-se o ‘n’ e o ‘p’: n-o-p. O NOP (quase *Nom-ô-père*) é o mnemônico de *No operation*, instrução dos processadores da família x86 que significa “Não fazer nada”. Ninguém pode não fazer nada e nada saber sobre isso, a pulsão do corpo impede. Mesmo o asceta faz alguma coisa de sua pulsão. Eu tenderia a dizer, sobretudo o asceta. Lacan escolhe a letra-signo *a*, que precede todo alfabeto, ao mesmo tempo que anuncia a possibilidade da linguagem, mas unicamente a partir da letra ‘b’, o que nos dá *ab* e depois *abbã*, que significa o pai. Aí retornamos. E eu, em tudo isso, o que eu fiz do pai? É também o mês de *Abib*, o primeiro da saída do Egito, o êxodo, aquele em que tudo começa. Lá onde a letra vira signo. Aí chegamos.

A questão “E eu em tudo isso?” – basta enunciá-la em voz alta – já comporta seu quinhão de revoltas. O significante mortifica, mas a mortificação produz a insurgência. O recém-nascido alcança o mundo por seu grito, o sujeito alcança o campo político por sua recusa – os consultórios de psicanálise se transformam em palco das gritarias de Flaubert, como diz Rouzel. Duas maneiras de mostrar-se categórico. A recusa opera por deslocamento, ela cria uma defasagem, ela faz o Aberto, significante-mestre em Hölderlin.

Resta a questão central: como é que a correspondência com a História, a História tal como ela se faz à nossa porta, aqui e agora, suporta-se do mais íntimo da fala?

Minha intuição é a seguinte: creio que o místico, que concentra toda sua energia em captar o que o religa a alhures, ele que cultiva um laço mais que singular entre o dentro e o fora, a ponto de fazer disso o próprio da experiência, ele que contempla os universais com perplexidade, ele que se faz taumaturgo sem acreditar verdadeiramente (o importante é que ele faça alguma coisa com isso), ele sabe uma faísca dessa rima que faz cantar a história pessoal e a grande História. Esse Filho de Noé, sempre *guer tochar* (estrangeiro na terra), ele sabe, ele leu o *Seminário III*, e ele parte dessa constatação de que o significante faltante é o Nome-do-Pai. Então, ele se volta para Deus buscando o que estabilizaria seu olhar (quem pensa com os olhos fechados?). Ele cria sentido lá, onde o império das significações

e das justificações não basta para fazer um mundo. Também ele faz a hipótese do incomensurável e sua eficácia e, se podemos dizer do místico que ele tem uma hipótese, é a de que ele não sabe. Ele cultiva a arte do enigma, é assim que ele ama e sobrevive. Queriam-no alienado no gozo do Outro, esse autêntico furo, mas não, o que o anima é o que ele não pode dizer, o que não pode se dizer, o desejo do Outro. Não o de Hegel, que é precisamente o gozo do Outro que funda o meu, mas desejo do Outro que estranhamente integra e do qual isso crepita, que ele poderia só letrar-se sem nome, apenas signo sem interpretação (mais uma vez Hölderlin).

